

ENTRE ELOHIM E YAHWEH:

Comparação das cosmogonias e antropogonias em Gênesis 1 e 2



Theo Caram de Moraes Miguez

Uma questão de fundamental importância nos estudos acerca da Bíblia Hebraica diz respeito à sua composição. Apesar do longo debate entre os modelos da hipótese documental, hipótese fragmentária e hipótese suplementar, a maior parte dos pesquisadores concorda que o Pentateuco é produto de múltiplas revisões e reescritas de épocas distintas sobre narrativas mitológicas prévias, algumas das quais anteriores mesmo ao surgimento do monoteísmo na região. Ainda que não haja consenso em torno da datação das tradições que compõem o Pentateuco, foram identificadas quatro tradições distintas, a saber: a javista (J), de cunho mais marcadamente monoteísta; a eloísta (E), caracterizada por uma visão mais abstrata de Deus; a deuteronomista (D) associada à reforma religiosa promovida no reinado de Josias (640-609 AEC); e a sacerdotal (P), possivelmente produzida por sacerdotes em exílio na Babilônia entre 598 e 538 AEC.

No texto de hoje convidamos o leitor a olhar mais de perto para os capítulos 1 e 2 do livro do Gênesis, um dos livros do Pentateuco, a fim de discutirmos as múltiplas matrizes desse texto.

**MOEDA DE PRATA DO SÉC. IV AEC,
ORIGINADA NA PROVÍNCIA PERSA
DE YEHUD MEDINATA**



ENTRE ELOHIM E YAHWEH:

Comparação das cosmogonias e antropogonias em Gênesis 1 e 2



Theo Caram de Moraes Miguez

A diferença mais evidente é a forma pela qual a figura de Deus é referida. No primeiro capítulo de Gênesis encontramos o uso de Elohim (אלהים), enquanto em Gênesis 2 Deus é distintamente nomeado Yahweh (יהוה). A palavra elohim é usada na Bíblia como um sinônimo para Deus, mas sua estrutura e etimologia, especialmente se analisadas em comparação com as línguas cananitas mais próximas do hebraico antigo, revelam tratar-se da forma plural do termo eloah (אלוה), traduzido como “divindade”. Assim, a adoção de Elohim em Gênesis 1 contribui para o argumento de que se trata de um texto escrito anteriormente às revisões javistas e deuteronomistas, potencialmente retratando uma narrativa cosmogônica politeísta anterior à adoção do culto de Yahweh, que pode ser claramente identificado como um nome divino pessoal.

O episódio da criação da humanidade também evidencia a presença de diferentes tradições no Gênesis. Em Gênesis 2 existe uma distinção hierárquica entre homem e mulher, com o primeiro homem sendo animado a partir do barro com um hálito de vida (שפן) e encarregado de nomear os animais. Essa ação o coloca ontologicamente mais próximo de Yahweh, uma vez que o ato de nomear nas culturas do Antigo Oriente Próximo é associado ao poder criador. A mulher, por sua vez, aparece na narrativa apenas após esse momento divinizante. Ela é criada a partir da costela do homem, para sanar sua solidão. A sua inserção no mundo, segundo algumas opiniões, a coloca em posição de inferioridade em relação ao homem, dado seu maior grau de separação do divino. Por outro lado, na narrativa de Gênesis 1 ambos foram criados à imagem (צל) e semelhança (דמות) de Elohim, sem qualquer distinção entre os dois. Podemos compreender que, possivelmente, em versões prévias da narrativa, a palavra elohim correspondesse a um grupo de divindades masculinas e femininas, de tal maneira que não houvesse contradição em dois seres tidos como diferentes partirem de uma imagem única.



ENTRE ELOHIM E YAHWEH:

Comparação das cosmogonias e antropogonias em Gênesis 1 e 2



Theo Caram de Moraes Miguez

Em relação ao papel da humanidade na Criação, em ambas as narrativas a humanidade é *a priori* distinta dos outros animais, existindo uma iniciativa da parte do criador em moldar o universo para a vida humana. Em Gênesis 1, diversos elementos do mundo são pensados para os humanos. O Sol e a Lua, por exemplo, são criados para “servirem de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e anos”. No segundo capítulo Yahweh teria plantado um jardim em Éden justamente para as pessoas que o habitariam. A diferença central entre os dois capítulos se dá no comando dado pelo criador aos primeiros humanos. Enquanto em Gênesis 1 a humanidade é apenas exortada a se reproduzir e dominar a natureza, em Gênesis 2 existe a obrigação de cultivar o Éden. Essa tradição poderia remeter a outras narrativas do Antigo Oriente Próximo, como a conhecida narrativa babilônica da criação, Enuma Elish, na qual o propósito da humanidade é o trabalho na terra, antes realizado por deuses menores.

Esse breve exercício nos permite observar que mesmo entre os capítulos de um único livro, as diferentes matrizes textuais e tradições que influenciaram a criação do Pentateuco interagem entre si. A sua composição é repleta de revisões e edições de diferentes épocas que apresenta-se mais como um compilado de intenções e mentalidades diversas do que como um texto universal, indistinto e imutável.

Theo Miguez é mestrando em História Social (FFLCH-USP),
e desenvolveu pesquisa de iniciação científica com bolsa FAPESP (processo 2022/04247-0)

Bibliografia (Para saber mais):

BRANDÃO, J. L. (trad.). Epopeia da criação: Enuma Eliš. 1. ed. Autêntica, 2022.

FINKELSTEIN, Israel; RÖMER, Thomas. Às origens da Torá: Novas descobertas arqueológicas, novas perspectivas.

Tradução: Renato Adriano Pezenti. 1. ed. Vozes, 2022.

RÖMER, Thomas. A Origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome. Tradução: Margarida Maria Cichelli Oliva. 1. ed.

Paulus, 2016.

VAN SETERS, John. The Yahwist: A Historian of Israelite Origins. Pennsylvania: Penn State University Press, 2013.